

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Juventudes, Lazer e Música *Gospel*: Sociabilidades Juvenis entre os evangélicos

Carine Lavrador de Farias – Doutoranda
pelo Programa de Pós-graduação em
Sociologia Política da UENF (PPGSP).

Resumo:

Este trabalho focaliza a relação entre música e juventude, enfatizando a música *gospel*, cantores e eventos religiosos associados a esta modalidade musical. Foram contemplados os eventos musicais elaborados por grupos e fiéis protestantes, que registram numerosos eventos na região norte-fluminense, sobretudo na cidade de Campos dos Goytacazes. Estas atividades musicais contribuem para a diversidade de práticas que integram o mapa religioso brasileiro, porém nosso objetivo é refletir sobre a concepção de juventude que embasa essas atividades musicais. Também é considerado como o âmbito que relaciona religião e música popular contribui para inscrever modos de sociabilidade juvenil. Buscamos ainda compreender como são elaborados e exercitados os espaços e momentos de lazer que perfazem as sociabilidades juvenis, cooperando para refletirmos sobre espaço público. Foi realizado levantamento bibliográfico sobre juventudes, bem como a observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Palavras-chave: Sociabilidades; Música *gospel*; Juventude;

Introdução

A investigação da relação entre música e juventude pauta a construção deste artigo, que focaliza a música *gospel*, cantores e eventos religiosos associados a essa modalidade musical. Destaco que os fazeres musicais religiosos, definidos com a rubrica *gospel*, nos colocam diante de novas formas de concorrência religiosa, que envolvem a política e a apropriação do espaço público. Além disso, as atividades musicais possibilitam compreender uma concepção de juventude que as embasam, bem como os modos de sociabilidade juvenil, que explicitam e constituem formas de manifestação religiosa, atividades de lazer, por fim, a composição de áreas públicas nas cidades.

A observação de eventos musicais possibilitou a construção de um entendimento acerca da sociabilidade juvenil (ou juvenis) entre os evangélicos participantes e/ou cantores em atuação na cidade de Campos dos Goytacazes, localizada no norte do estado do Rio de Janeiro. A cidade não só abriga grupos religiosos heterogêneos, muitas vezes concorrentes, como registra suas atividades musicais, organizadas por fiéis e/ou instituições religiosas. A pesquisa empírica que possibilitou a elaboração deste artigo compreendeu a observação de eventos musicais como, por exemplo, a Marcha para Jesus, que será retomado mais adiante. Também foram realizadas entrevistas com frequentadores dos eventos, bem como com uma cantora de *funk gospel*, que tem reconhecimento na cidade, seja como cantora, seja como líder religiosa, a Mc Polliana, 31 anos e casada. Tem participado de apresentações musicais, e aparece como principal atração em eventos musicais no norte do estado do Rio de Janeiro.

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, apresento a cidade e sua peculiaridade regional, religiosa e justifico a relevância deste trabalho. Na segunda parte, apresento as reflexões sobre juventudes a fim de evidenciar como tem adquirido lugar de destaque no campo das ciências sociais. Na terceira, focalizei discussões sobre sociabilidades, recorrendo a descrição do evento Marcha para Jesus, bem como entrevistas a fim refletirmos sobre a circulação e os espaços juvenis. No quarto, aponto como o caminhar pela cidade viabiliza a transformação de não lugares em lugares juvenis e religiosos.

Campos dos Goytacazes e suas peculiaridades

As atividades musicais quando acontecem em áreas públicas, explicitam como as atividades musicais, sobretudo aquelas relacionadas às juventudes, contribuem para pensar sobre a formulação de juventudes, seus modos de sociabilidade e também a cidade, bem como o que a constitui como coloca Agier (2011).

Campos dos Goytacazes tem apresentado forte processo de urbanização e configura um centro de prestação de serviços qualificados que atende cidades vizinhas e outros estados da região sudeste (Piquet, 2003). Trata-se de uma cidade de médio porte, distante da capital do estado cerca de 280 km, com a qual mantém interações, seja no aspecto educacional com instituições de ensino superior que forja um fluxo de profissionais e estudantes, seja comercial com atividades varejistas de artigos do vestuário e acessórios e obras de engenharia civil (e também com os arranjos que os moradores fazem para nela viver e sobreviver). A cidade conta com diversos grupos

religiosos, predominando o catolicismo e o protestantismo – nas versões histórica, pentecostal e neopentecostais – na realização de atividades musicais em áreas públicas. Todavia, aqueles que se identificam evangélicos têm empreendido diversas iniciativas religiosas que integram a disputa por aumento de adeptos, contribuindo para complexificar o campo religioso.

Na localidade, a diversidade religiosa é constatada e apresenta contornos com a presença de católicos e de protestantes, sendo observado que “o número de declarantes evangélicos tem aumentado, enquanto diminui o quantitativo de católicos. Isso corresponde àquilo já diagnosticado no cenário nacional” (Pinheiro e Pimentel, 2011:4). Ao considerar os dados censitários de 2010, vê-se o predomínio de católicos. No entanto, essa tradição religiosa disputa o campo religioso com outros grupos de crença, incluindo a inscrição “sem religião”, que detém parcela significativa. Isso pode ser constatado no Censo de 2000, junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicado nos últimos anos. Para Novaes (2004), nesse Censo podemos perceber o encolhimento do número de fiéis da Igreja Católica e o crescimento vertiginoso dos evangélicos e dos que se declaram sem religião. Em relação à religião evangélica, percebemos que esta tem expandido seus domínios a uma grande massa heterogênea em distintos universos sociais, começando a mudar no cenário brasileiro (Andrade, 2005).

Os eventos musicais relacionados ao meio evangélico são espaços de sociabilidade, pois estes locais e atividades proporcionam ressaltar certos aspectos para a composição deste artigo, pois são nestes locais que encontramos parte fundamental do processo de socialização vivenciado pelos jovens. Sobre sociabilidade, afirma Andrade (2005:70) que a “sociabilidade é parte fundamental do processo de socialização vivenciado pelos jovens em seus grupos, como um lugar privilegiado das escolhas, da construção de sentidos, da solidariedade e da construção da autonomia”.

Para compreendermos os modos de sociabilidade e como se fazem e são feitos presentes na cidade, integrando as áreas públicas em Campos dos Goytacazes, afirmo que o melhor percurso é a partir dos espaços sociais, aonde vêm se produzindo e sendo produzidos como seres sociais, como ressalta Andrade (2005). Isto é, trata-se de espaço no qual o jovem encontra a oportunidade de tecer novas redes de sociabilidade, contribuindo para uma nova visão de mundo. Segundo Mendonça (2009), descrevem-se os novos espaços de frequência evangélica, onde os organizadores de festas *gospel* promovem a oferta de lazer ao som de um equivalente pop-religioso da música *pop*

secular. *Raves*, boates, casas noturnas, bares, em versões “santificadas”, são os novos locais de congregação para a juventude evangélica. Observei que os locais que realizam festas são um ponto de atração da juventude evangélica e que gêneros musicais como o *funk*, o *rap* e o *axé-pop* ganham letra religiosa e “funcionam” como elementos fundamentais nos eventos *gospel* da região norte fluminense, especificamente, a cidade de Campos dos Goytacazes.

Juventude (s): algumas reflexões

Ao considerarmos a participação de juventudes no dinâmico campo religioso brasileiro (Brandão, 2004; Novaes, 2005), busquei discutir os modos de sociabilidade e de inscrição juvenil na cidade, tendo isso a ver com a afirmativa de a juventude não ser definida biologicamente ou por fases da vida. As pesquisas sobre “juventudes” tornaram-se relevantes no cenário contemporâneo, pois, conforme Carrano (2009), a “questão juvenil” ocupa, nas últimas duas décadas, um lugar de significativa relevância no contexto das grandes inquietações mundiais. Isso se expressa tanto em preocupações mais gerais relacionadas à inserção dos jovens na vida adulta quanto em âmbitos específicos, que envolvem os jovens com as famílias, a educação, o mundo do trabalho, a sexualidade, as novas tecnologias, a religião, dentre outros aspectos.

Uma das características de nossas sociedades contemporâneas está relacionada com a velocidade das mudanças que ocorrem nas esferas da produção e reprodução da vida social. Sem dúvida, os jovens são atores-chave desses processos e interagem com eles, algumas vezes como protagonistas e beneficiários das mudanças e, por outras vezes, sofrem os prejuízos de processos de “modernização”, produtores de novas contradições e desigualdades sociais. Para Melucci (2004), ser jovem não é tanto um destino, mas escolha de transformar e dirigir a existência. Enfim, o debate sobre os jovens e a juventude assumiu distintas configurações que orientam diferentes maneiras de pensar a juventude (Carrano, 2009).

Partindo da definição consensual de que juventude é construída histórica e culturalmente, pode-se dizer que ser jovem, na sociedade contemporânea, é vivenciar uma experiência inédita. Se a história não se repete e os processos culturais sofrem suas devidas e necessárias alterações, também a experiência de juventude não pode ser a mesma ao longo dos anos e, por isso, merece atenção e cuidados especiais no que tange à reflexão e à criação de novos conceitos de identidade (Garcia & Zippin, 2008).

Sendo assim, pode-se considerar a juventude como resultante de uma vivência em determinado período histórico e social, que traz os dados da cultura onde ela é estabelecida e o tempo pelo qual ela é concebida. A imagem do jovem que se cristalizou na sociedade atual traz uma forte característica de metamorfose, de aglutinação, de inconstância, de incerteza e de desvinculação, como representação de uma categoria fragilizada e vulnerável. Em contrapartida, os jovens representam, também, uma categoria consciente e desafiadora na busca de novos valores sociais, morais e afetivos, que sejam capazes de reestruturar sua identidade (Garcia & Zippin, 2008:08).

Segundo Dayrell (2003), construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais. Entendemos, assim como Peralva (1997 *apud* Dayrell 2003), que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Dessa discussão, a juventude é como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona.

Para Abramo (1997:29), “de um modo geral, pode-se dizer que a ‘juventude’ tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade” e, por isso, que essa proposta coloca em cena a categoria juventudes, evidenciando sua constituição em específico meio social. Trata-se de não considerar somente a cronologia, a biologia como definidores de uma condição social e cultural. É preciso contemplar as dinâmicas históricas, políticas e culturais na definição de juventude (Mauger, 1989). Além disso, considera-se o registro de juventudes já que diferentes formas de solidariedade e de sentidos de vida desvelam as diferenças peculiares aos grupos juvenis (Novaes, 1997).

Mas de quais jovens, enfim, se está falando? Tomamos depoimentos dos frequentadores de atividades musicais, dos cantores e organizadores dos eventos realizados em Campos dos Goytacazes. Contribui para o tema o depoimento de Laura, 15 anos de idade, evangélica e estudante de escola pública, que frequenta eventos religiosos e que inclusive desfilou no bloco carnavalesco evangélico da cidade, diz: “Na minha igreja ser jovem é ter até 120 anos, ser jovem ter que ser animado, tem que ter animação, dançar e pular”. Se juventude não é definida pela biologia ou cronologia, mas tem a ver com representação, podemos destacar que o depoimento nos diz acerca da

diversidade do ser jovem, pois sua definição dá-se pela força e alegria que passam a ser os componentes da “animação”. São elas, as qualidades da participação religiosa e, acima de tudo, da juventude.

Além de evidenciar que o âmbito religioso não é caracterizado pela circunscrição, o depoimento aponta a igreja como o espaço de encontro e de interação para o exercício daquilo que define a juventude. As manifestações não devem caracterizar o ato individual, mas a força e a alegria que passam a compor a interação. O exercício disso termina por delinear que juventudes e seus espaços são caracterizados de diferentes modos, que podem compor ou sobrepor espaços que as cidades podem ou não disponibilizar. Falamos isso porque pode haver aqueles que vivenciam nas mais distintas formas de restrição aos bens e os serviços essenciais, jovens que vivem em bairros da cidade e que pouco usufruem dos equipamentos de cultura e de lazer da cidade devido a ausência ou a insuficiência desses serviços. Portanto a cidade aparece como estranha, no sentido de não serem oferecidos serviços necessários e de lazer a esses jovens.

Além dos depoimentos, bem como a exemplificação acima, a observação realizada contribuiu para evidenciar que jovens pesquisados apresentam modos de ser jovem e estão de diferentes maneiras, envolvidos com a formação de espaços juvenis. Com isso, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social (Dayrell, 2003). Ainda sobre a noção de juventude, essa questão constituiu-se também em um elemento importante para praticamente todas as análises. Segundo Araújo (2004), nas sociedades contemporâneas, os jovens andam pelo espaço urbano em busca de diversão e prazer, de paixão e adrenalina, de afetividade e cumplicidade. E é isto que está cada vez mais sendo pesquisado nas ciências sociais (Sposito, 1995, Costa, 2001 e 2000, Filho, 2004). Compreender como os jovens se organizam para garantir espaço de sociabilidade, considerando-se o lazer¹ e também as práticas religiosas, torna-se fundamental para conhecermos o cotidiano e a identidade desses jovens (Farias, 2010). Como alerta Novaes (2005:282):

(...) quando se pretende analisar as relações entre religião e juventude, não podemos deixar de lado as inseguranças advindas dos desenraizamentos do mundo contemporâneo e as específicas dificuldades de inserção social que vivem os jovens brasileiros hoje.

¹ Embora o lazer não seja considerado uma prática cultural exclusiva dos jovens, parece ter se tornado um elemento importante da representação construída a respeito do jovem na sociedade atual. (Aqui tem outra discussão não adequada àquela sobre sujeito social).

Para Andrade (2005:34):

As igrejas evangélicas tem se tornado um espaço significativo, à medida que fornecem elementos de construção de uma nova identidade. Os espaços de lazer dedicados às festividades surgem como uma opção atraente para os jovens. Ao conciliar a esfera do sagrado e lazer, as necessidades dos jovens são abrandadas, propiciando um espaço de agregação e solidariedade.

Portanto, se as igrejas evangélicas surgem para “solucionar” problemas de ordem individual, elas também podem ser vistas a partir de outro aspecto. Nesse sentido, há de ser investigada sua contribuição para delinear espaços de sociabilidade entre os jovens. Os adeptos, atualmente transitam por diferentes espaços, sobretudo quando relacionado com o lazer, como diz Andrade. Isso evidencia que a presença juvenil pode ser por busca de algo, bem como pelo exercício de um modo de ser, enfim, em busca pela satisfação.

No campo religioso há aqueles que têm concepções acerca dos jovens, de um segmento daqueles que elaboram atividades, como os entrevistados que organizam tais eventos para os jovens, a fim de buscar ou até mesmo resgatar indivíduos para suas igrejas. A partir de algumas concepções, é possível visualizar que há eventos e canções criadas por jovens a partir de seus gostos musicais e por ter a vontade de organizá-lo e estar por perto de amigos que também cantam e dançam ritmos do seu mesmo gosto musical.

Sociabilidades juvenis: diversão e salvação

A cidade oferece lugares de lazer, cujos ambientes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados (Magnani, 1996). Assim, é possível coletar dados de diferentes grupos e fiéis e compreender a influência dos valores religiosos e manifestações musicais entre tais grupos, sobretudo as formas de religiosidade e sociabilidade juvenis.

Como formas de religiosidade e sociabilidades juvenis, o culto pode ser considerado como um momento de lazer pelos indivíduos e, conseqüentemente, como espaço de sociabilidade. No estudo durkheimiano (1968), o culto possui a função primordial de estreitar os laços que unem o fiel ao seu deus. Essas práticas evidentemente estreitam os laços que unem o indivíduo e a sociedade de que é membro, quer esse culto consista em manobras materiais ou em operações mentais, ele é sempre eficaz (Rosendahl, 2002:26). A religião, assim, assume sentido e uma razão que

permitem aos indivíduos compreenderem a sociedade da qual são membros e as relações obscuras mais íntimas que mantêm com ela (Durkheim, 1989:204).

A relação entre isso e a discussão de Simmel sobre sociabilidade seria a vivência de laços entre os indivíduos. Para Simmel (1993:169), em seu estudo “Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal”:

a sociabilidade é vista como uma forma autônoma e lúdica de sociação, não visando um objetivo ou a busca de resultados concretos, cujo fim é a própria relação, a satisfação de estar junto.

Para esse mesmo autor, a sociabilidade surge como uma estrutura sociológica muito peculiar. E ela cria um mundo sociológico ideal, no qual o prazer de um indivíduo está intimamente ligado ao prazer dos outros. De acordo com Simmel, a sociabilidade pode também ser entendida como um “jogo social”, atuando como elemento constitutivo da consciência e poder de autonomia no relacionamento do grupo e redes sociais.

A mobilidade, a concentração de pessoas pelas cidades e o consumo de bens inscritos como as expressões musicais, marcam a proximidade espaço-temporal que contribuirá para as opções e manifestações religiosas (Pinheiro e Pimentel, 2011). A cidade, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra (Certeau, 2004:173). Manifestações estas, que ocorrem sob discursos que a ideologizam, como, por exemplo, o evento “Marcha para Jesus”. Nela é observado que o trânsito pela cidade por aqueles que procuram os “eventos evangélicos” redefine o urbano já que é constituída uma “força de fé” que marca o abençoar a cidade. Isso pode ser exemplificado com a fala de um dos cantores durante o evento: “Com certeza, essa é mais uma forma de declarar nosso amor pela nossa cidade, declarar que Campos tem pessoas que dão o sangue por ela. Nós decidimos amar a cidade que o Senhor escolher para nós morarmos.” Ele afirmou isso ao comentar que a vista, de cima do trio elétrico, era linda, devido à multidão de pessoas, multidão formada com moradores de diferentes partes da cidade e que faziam coro com o cantor.

Para Certeau, a cidade e suas diferentes interpretações é percebida como uma linguagem textual que se da na prática do caminhar nas ruas. Ele afirma que uma das formas de tentar perceber a cidade é caminhar por ela (Certeau, 1994). A Marcha para Jesus foi um percurso longo e cansativo, e não são todas as pessoas que caminham e chegam até o ponto final do evento: Praça Salvador, área central da cidade. O evento, que relaciona música, caminhada e oração, é um fenômeno importante para discutir o

estar e constituir áreas públicas. É algo próprio de apropriação, comunicação, mobilidade e interação, que decorre da significação do lugar. Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços e as trajetórias (Certeau, 2004:176). Ainda para Certeau (2004:184), as relações dos sentidos da caminhada com o sentido das palavras situam duas espécies de movimentos aparentemente contrários: um de exterioridade (caminhar é sair); o outro, interior (uma mobilidade sob a estabilidade do significante).

Como afirma Melucci (1991), os jovens são um espelho da sociedade inteira, uma espécie de paradigma dos problemas cruciais dos sistemas complexos: tensões entre expansão das chances de vida e controle difuso, entre possibilidade de individuação e definição externa da identidade. Assim a mobilização juvenil torna-se elemento revelador, trazendo à luz as demandas profundas, os problemas e as tensões que percorrem toda a sociedade. Portanto, é possível dizer que os jovens constroem as imagens da cidade a partir das suas experiências, fortemente marcadas pelos seus locais de moradia e acesso ou não aos equipamentos socioculturais.

A mobilidade integra a composição de redes, segundo Agier (1999), quando analisou as redes de sociabilidade no bairro da Liberdade. Acompanhou a construção de redes dilatadas que partiam de um núcleo inicial específico e territorializado, marcado pelas relações cotidianas e diferentes formas de sociabilidade (reciprocidades, confiança, clientelismo, entre outros), e constituído pelas esferas da família, vizinhança, trabalho e lazer. Tais relações e sociabilidades, inicialmente vinculadas a um contexto singular, articulam-se e se alargam em redes, ligando os pequenos mundos de cada cidadão (a “cidade familiar”) às macroestruturas sociais.

Assim, é na dinâmica das redes que se desenham o elo intermediário - esferas por excelência das sociabilidades alargadas – entre os pequenos mundos dos cidadãos e as macroestruturas sociais nas cidades. Para Agier (2011), a problemática do objeto para o sujeito é não buscar “o que é” a cidade, mas “o que faz” a cidade, vê-la como processo humano, vivo e complexo. Assim, partindo do universo petrificado da cidade, com seus edifícios, monumentos, vias expressas e as redes de relações sociais, que caracterizam a cidade viva.

Portanto, a partir da proposta de uma antropologia da cidade é possível traçar conexões entre relações locais com identidades mais abrangentes, observar as articulações entre etnicidade e territorialidade nos contextos urbanos, apreender lugares estratégicos de análise da vida política das cidades, ampliar e alargar redes relacionais

locais. Segundo Agier (2011), a cidade, em vez de lugar de anonimato como muitas vezes se caracterizam ainda as grandes cidades, pode ser lugar de conforto. Conforto pelas redes que se estabelecem, pela inscrição dos espaços vividos, pela possibilidade que a familiaridade fornece de reivindicação.

Cidade e espaço público: espaços de sociabilidades (não) existentes?!

Ao situar a discussão sobre juventude, refletir sobre espaço juvenil e focalizar o evento religioso, entendemos ser viável ainda discutir como em Campos dos Goytacazes se estabelece a relação entre cidade e espaços de sociabilidade juvenis. A Marcha para Jesus viabiliza falar sobre cidade e religião no espaço público, tendo como a primeira se torna âmbito favorável para um modo de ser juvenil. A cidade se revelou não apenas um meio de expressar em termos concretos a ampliação do poder sagrado e secular, mas também como um meio de expressão ampliada de todas as dimensões da vida (Rosendahl, 2002:42).

Sobre cidade, considerada como espaços praticados e redes de relações, configura um amplo espaço de sociabilidades, além do direito democrático de livre circulação. Sujeitos que, por diferentes razões, têm pouca ou muita experiência de circulação pela cidade, e se beneficiam pouco ou muito das atividades. Segundo os entrevistados, foram considerados poucos os espaços culturais públicos ofertados na cidade de Campos dos Goytacazes. Assim como afirma Luís, 17 anos, negro, evangélico e estudante do Instituto Federal Fluminense (IFF):

Eu acho que a cidade não oferece espaços para os eventos, eu vejo isso de uma forma negativa. Uma das grandes carências da nossa administração pública é a questão cultural em todos os sentidos, porque nós temos bons espaços públicos para estarmos realizando eventos como o teatro Trianon, teatro de bolso, recentemente construída a quadra do viaduto, o CEPOP² e são espaços pouquíssimos explorados para as pessoas da região. Temos muitas peças de teatro que vem se apresentar de outros lugares e temos pouca visibilidade dos nossos grupos locais. O teatro até deu uma evoluída, mas a parte musical tem muito que evoluir.

A fala do jovem mostra uma situação de precariedade de equipamentos de lazer, de saúde e de educação. Restrição dada pelas condições objetivas, como o custo de transporte, visibilidade e divulgação ou por condições simbólicas. Ainda para Luís:

Acho que tem erro de ambas as partes. Falta investimento da prefeitura e iniciativa das igrejas também pra usa-los, que não é impossível. E o espaço público tem que estar aberto para todas as religiões, pois a religião faz parte da maioria da

² Centro de Eventos Populares Osório Peixoto.

população, e como em campos há um predomínio muito grande das empresas evangélicas de estarem fazendo eventos para jovens raramente são fora da igreja.

Ao entender que “a cidade revela os interesses e as ações da sociedade e, ao mesmo tempo, oferece condições para que tais interesses e ações se realizem” (Spósito, 2008:14), há outra realidade na cidade de Campos dos Goytacazes. O espaço público da cidade possui poucas opções de lazer, de diversão e de entretenimento.

Também foi constatada pelos entrevistados uma carência de praças, parques, quadras, academias, bibliotecas e, principalmente, locais disponíveis onde ocorram os eventos religiosos. Possui poucos, mas falta investimento, visibilidade, divulgação, liberação e interesse da prefeitura para com os eventos a serem programados e, conseqüentemente, realizados.

Segundo Menezes (2009:302), o espaço público urbano é um contexto de mediação através do qual as identidades sociais, as práticas e as imagens socioespaciais podem ser criadas e contestadas, simbolizando que a comunidade quer a sociedade e a cultura mais abrangente, na qual ele se integra. Marc Augé (1994) fala em não-lugares, que vão (des) construindo e (re) construindo ao longo da sua obra, já que a rua e a praça são lugares, inclusive, lugares de conversão, de interação. Os “não lugares” aparecem como o oposto, o inverso, dos lugares antropológicos. No livro em questão, Augé define os chamados não-lugares como um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade. Outra característica destacada pelo autor sobre o “não-lugares” é que eles são permeados de pessoas em trânsito. São espaços de ninguém, não geradores de identidade.

“Não-lugares” de Augé (1994) contribui para entender como em Campos dos Goytacazes os eventos religiosos acontecem nas áreas públicas. Exemplo disso é a caminhada, realizada na rua, que contribui para as identidades religiosa e juvenil. A Marcha para Jesus permite o andar e o caminhar pela cidade, possibilitando os “não lugares” se transformarem em “lugares”, sendo reconhecidos e tornando-se espaços para aqueles que “vão e vêm”, circulam e caminham, permitindo uma interação entre os indivíduos ou até mesmo transformando-se em lugares de conversão.

Importa, assim, compreender o espaço público urbano a partir da ideia de que as práticas sociais configuram e reconfiguram os significados do espaço – por meio de um conjunto de operações em relação ao masculino e ao feminino, à casa e à rua, ao privado e ao público, ao local e ao global, ao jovem e ao velho, a nós e aos outros, sagrado e

profano, tempo e espaço, cotidiano e extraordinário, lazer e trabalho (Meneses, 2009:303).

Segundo Magnani (1996), todas as categorias (nós e os outros, sagrado e profano, tempo e espaço) que descrevem diferentes formas de uso e apropriação do espaço, constituem chaves para leitura, entendimento e orientação na cidade: ao circunscrever pontos socialmente reconhecidos como relevantes na dinâmica urbana, servem de referência para as atividades que compõem o cotidiano. Essa articulação dará basicamente em torno dos temas da sociabilidade, do lazer, da música e das práticas culturais, sempre referidos a alguma dimensão do contexto e espaço urbanos, o que permite a discussão de questões teórico-metodológicas comuns. Reitero assim a importância da etnografia na análise do espaço público urbano, bem como a importância em compreendê-lo através das noções de heterogeneidade (Meneses, 2009:304).

Algumas considerações finais

Foi destacada a relação entre religião, o uso do tempo livre e os eventos musicais e, por fim, a constituição das práticas religiosas no cotidiano, que também configuram as relações de sociabilidade dos jovens entrevistados. Demonstrei as especificidades da música *gospel* e da sociabilidade juvenil na cidade de Campos dos Goytacazes e suas relevâncias, a partir dos temas mais evidentes: juventude, sociabilidades, música e religião. Procurou-se contribuir para o desenvolvimento de estudos na área da juventude, religião, música *gospel* e seus diferentes ritmos (*rock*, *axé*, *funk*) a partir das experiências, percepções e formas de sociabilidade dos jovens observados, foram destacadas as semelhanças e as diferenças entre eles, encontradas a partir das etnografias e das entrevistas.

A resistência, nas igrejas de Campos dos Goytacazes, a não tocar ritmos diferentes é bem menor que alguns anos atrás. Por isso, cresce a quantidade de eventos, como festas e baladas, em que os estilos musicais dançantes são tocados ao vivo. Ao passo que a postura no palco e o figurino customizado de artistas seculares (Mendonça, 2009) são reproduzidos no visual de diversos artistas evangélicos, assim como a cantora Mc Polliana. Alguns cantores também recebem tratamento de estrelas *pop* por parte dos fãs evangélicos, como a Aline Barros.

A presença do sagrado, na vida urbana, é bastante forte, porém difícil de mensurar. Nas cidades mais antigas, a religião estava em toda a parte. À medida que as principais atividades da vida social se libertaram da influência religiosa, o número de

espaços foi reduzido, enquanto outros permaneceram (Rosendahl, 2002:37). Para alguns jovens, uma das atividades mais importantes do final de semana é a ida ao culto religioso ou cantar em algum evento *gospel*.

A constituição de grandes gravadoras – Gospel Records, MK Publicitá, Line Records e TopGospel –, associada ao fortalecimento de uma vasta rede de meios de comunicação, possibilitou uma ampliação do alcance da música evangélica em todo o território nacional. Seja pelas ondas das rádios, seja pelos programas televisivos ou pela internet, a música evangélica comercial produzida, em especial, na região sudeste, passou a alcançar uma grande audiência (De Paula, 2007:59). E segundo os depoentes e *sites* de notícias da região, o número de eventos, produção e divulgação também é crescente na região norte fluminense, especificamente na cidade de Campos dos Goytacazes.

Na cidade de Campos dos Goytacazes vimos um grande número de participantes presentes nos eventos, sobretudo os jovens. Atualmente, não somente a música passa a ser definida como *gospel*. Comportamentos, eventos e empreendimentos são também assim identificados. E estes serviram para demonstrar que os ritmos não clássicos nos eventos praticados nas igrejas evangélicas estão sendo alvo de atração de jovens. São introduzidos nas igrejas e integram espaço caracterizado por audição musical, interação, diversão e manifestação religiosa (Pinheiro, 2006). E os coletados, como notícias em jornais, *sites*, reportagens e fotografias demonstram o número crescente dos eventos religiosos. Com isso contribuem para mostrar que esses diferentes ritmos, estão se tornando cada vez mais reconhecidos e apreciados pelo público jovem evangélico da cidade de Campos dos Goytacazes.

De modo geral, os jovens entrevistados descreveram a cidade como lugar positivo de se morar, mas que tem muitos problemas, e que pode melhorar. Isso também depende do esforço dos jovens em busca de conseguirem seus espaços para o lazer e para realizarem os eventos religiosos. Contudo a má administração desses recursos que não são utilizados de forma adequada dificulta o desenvolvimento.

Ainda nesse contexto, os jovens apontaram alguns aspectos que deveriam ser mudados na cidade para que ela disponha de melhores condições de vida para seus moradores. As sugestões foram: construções de mais espaços de lazer e turismo, investimentos na saúde, na educação e mais cursos gratuitos - pois a maioria é pago. Por meio das sugestões foi possível perceber que os jovens esperam realizar o direito a cidade, através da participação nos bens públicos e simbólicos. Destaque aqui para os

equipamentos de lazer e para os que possibilitem a formação e o acesso ao mercado de trabalho.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. In: **Juventude e contemporaneidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 1997.
- AGIER, Michel. Antropologia da cidade: **lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. 216p.
- ANDRADE, Alenice Maria dos Santos. **Surfistas de Cristo um estudo da sociabilidade juvenil**. São Paulo. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da USP, 2005.
- AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus, 1994.
- BRANDÃO, Elaine Reis. **Individualização e vínculo familiar em camadas médias**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2004.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis rainhas**. – Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **Artes de fazer. A invenção do cotidiano**. / L'inventio du quotidien – 1. Arts de faire / Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, Vozes, 2008.
- DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista brasileira de educação. Set/Out/Nov/Dez, N: 4, 2003.
- DE PAULA, Robson Rodrigues. O mercado da música gospel no Brasil: **aspectos organizacionais e estruturais**. Revista UNIABEU. Belford Roxo. V.5 Número 9, Jan. – Abr. 2012.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989.
- FARIAS, Carine L. Religião e Juventude: **Sociabilidades entre jovens em “repúblicas estudantis” de Campos dos Goytacazes**. Monografia em Antropologia. Centro de Ciências do Homem. Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2010.
- GARCIA, Gilselene; ZIPPIN, Mírian Paura Sabrosa. Revisitando as origens do termo juventude: **A diversidade que caracteriza a identidade**. GT-20: Psicologia da Educação, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) **Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana**. EDUSP, São Paulo, 1996.
- MAUGER, Gerald. **La jeunesse dans lês ages de la vie**. Une definiton préalable. Temporaliste, 1989.
- MELUCCI, A. O jogo do eu: **a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004.
- MENDONÇA. Joêzer de Souza. O gospel é pop: **Música e religião na cultura pós-moderna**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho” Instituto de Artes São Paulo, 2009.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. Universidade de São Paulo. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 – 2003.

MENEZES, Marlucci. A praça do Martim Moniz: **Etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 301-328, jul./dez. 2009.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: **ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos**. Notas preliminares. Revista Estudos Avançados, 18, 52, (2004): 321-330.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (orgs) **Retratos da juventude brasileira**. Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.263-290.

_____. Juventudes cariocas: mediações conflitos e encontros culturais. In: VIANNA, H (Org.). Galeras cariocas: **territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997, p. 119-160.

PIQUET, Rosélia. Da cana ao petróleo: uma região em mudança. In: PIQUET, Rosélia (org) **Petróleo, royalties e região**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 219-238.

PINHEIRO, Márcia Leitão. PIMENTEL, Paula. **Escenas musicales y transformaciones sociales contemporâneas**. Trabalho apresentado no GT 37, IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 10 a 13 de julho, Curitiba, PR, 2011.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: **Uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

SIMMEL, George. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal. In: **Sociologia**. Editora: Ática. Organizador: Evaristo de Moraes Filho, 1993.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e Cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.